

O que nos dizem as gravuras do T. A. T.

FILIPPE D. REIS *

INTRODUÇÃO

Muitos são os testes projectivos usados em psicologia clínica com finalidades de diagnóstico. As formas como se interpretam as respostas projectivas são tão diversas quanto diversos são os conceitos de «projectão» ou o material e as teorias empregues na sua explicitação. Pensamos contudo poderem agrupar-se de forma sistemática os diferentes tipos de análise das respostas projectivas, consoante o seu modo de interpretação, nos seguintes tipos: 1) interpretações «analógicas», 2) interpretações «simulativas» e 3) interpretações «correlacionais». O primeiro refere-se às interpretações que pressupõem existir um isomorfismo de processos e funções psicológicas entre conflitos, frustrações ou motivações do sujeito e os conflitos, frustrações ou motivações identificados nas respostas por ele dadas ao material projectivo.

Poderíamos citar como exemplo as grelhas de análise do T.A.T. em que se procura identificar conflitos lógico-verbais no discurso projectivo e se interpretam esses conflitos como sendo uma característica da sua personalidade em qualquer situação adaptativa, seja qual for a sua natureza (real, fictícia ou imaginária). Aceita-se que estes conflitos correspondem a um linearidade de funções, características da personalidade do sujeito.

Quanto ao segundo tipo, o «simulativo», é constituído pelas interpretações decorrentes de uma situação considerada como artificial, a situação de teste, à qual o sujeito se tem de adaptar obedecendo às instruções. São pois a situação e as instruções que determinam a tarefa e fazem apelo às funções psicológicas que o sujeito empregará. Pretende-se que através delas se explicitem reacções, comportamentos e emoções, objecto de análise do observador. Este faz em seguida extrapolações interpretativas da personalidade do sujeito.

Poderíamos dar como exemplo, no caso do T.A.T., a teoria de Shentoub da indução de fantasias num estado consciente, característica fundamental do teste, que a referida autora investiga à luz da teoria psicanalítica. Também dentro do mesmo quadro referencial se poderá considerar as teorias que classificam as gravuras do teste segundo determinados aforismos; a gravura da sexualidade, das relações edipianas, etc.

Finalmente, o tipo de interpretações «correlacionais», que se baseiam numa abordagem simplesmente taxonómica das respostas segundo uma ou várias dimensões e, pela inventariação dessas respostas, pretende isolar padrões que correspondam estatisticamente a grupos nosológicos referenciáveis por um critério de validade externa. Pretende-se assim, através da identificação das características do discurso dos vários

* Médico e psicólogo.

grupos clínicos: psicóticos, neuróticos, ansiosos, etc., referir as respostas dos sujeitos àquele a que mais se assemelhe ou correlacione. Este tipo de racional não faz apelo a qualquer função ou processo psicológico, apenas constata semelhanças mais ou menos significativas consoante a metodologia estatística usada.

Também as formas de análise genéticas, ou evolutivas, poderão ser usadas na interpretação das respostas a um material projectivo, quando essas respostas se relacionam com variáveis que se transformam através da maturação e do desenvolvimento da personalidade. É o exemplo da percepção de gravuras em que, fazendo apelo a uma relação cognitivo-perceptiva, as respostas irão depender do estágio em que o sujeito se encontra. Caso da gravura do teste de Binet-Simon, em que a criança dá uma resposta em função da fase do seu desenvolvimento cognitivo.

Este tipo de abordagem permite-nos uma classificação dos indivíduos consoante o desvio relativamente ao padrão do seu grupo de idades. É pois um método de avaliação longitudinal que não nos possibilita fazer uma «identificação» da personalidade do sujeito, mas apenas constatar qual o seu estado de desenvolvimento comparativamente com os outros indivíduos. Não se presta portanto para o objectivo que se propõem as outras grelhas de análise.

Poder-se-ia agora perguntar qual destes métodos é o mais correcto, aquele que mais informações nos dá acerca da estrutura de personalidade dos sujeitos, já que é esse o objectivo?

Se é certo que uns se enquadram numa visão «aristotélica» da psicologia e outros numa visão «galileica», como diria K. Lewin (1935), consoante tenham ou não uma teoria por suporte, pensamos todavia não poder excluir qualquer deles na fase actual dos nossos conhecimentos. Uma convergência dos vários métodos será a garantia de se obter a máxima informação possível.

É certo que se cometem exageros quando o observador faz uso de interpretações analógicas das respostas dos sujeitos. Estas são as que mais se aproximam do senso-comum, já que

não pressupõem qualquer outra mediação de conhecimentos que não o fenomenológico. Poderíamos citar certas interpretações do teste da árvore de Koch, em que se infere o tipo de personalidade consoante a maneira como o sujeito desenha a copa das árvores. Assim, se esta for «pequena» e «fechada» o sujeito será diagnosticado como sendo um «introvertido», ou um «inibido»; se for «aberta» e «frondosa» ele será um «extrovertido», um «emotivo», etc. Desnecessário se torna caracterizar os inconvenientes e as incorrecções deste modo de análise.

Também a simulação de situações nos parece susceptível de induzir em erros, quando se subestimam as variáveis que as caracterizam ou se considera como monótona a interacção entre os diferentes processos psicológicos.

Quanto ao sistema correlativo, poder-nos-á levar a um estudo exaustivo de correlações que, traduzindo-se num infundar de dados, nos dificulta a análise dos processos subjacentes, «perdendo-se» assim o sujeito, nosso objecto de estudo.

O teste de apercepção temática de Murray é, quanto a nós, um teste projectivo cuja riqueza de hipóteses interpretativas e cujo alcance para o estudo da personalidade ainda não estão suficientemente estudados. Talvez por isso, e pelo rigor metodológico a que obriga o observador, não se encontre tão divulgado entre nós como outros testes projectivos.

A necessidade de o estudar é tão necessária neste como em qualquer outro teste projectivo, daí que nos tenhamos empenhado em conhecer algumas das suas características semânticas. Não se pretende construir mais uma grelha de análise, cujo objectivo imediato fosse dar-nos um perfil da personalidade do sujeito. A intenção das nossas hipóteses centra-se mais no estudo das características estruturais do teste.

A CONOTAÇÃO SEMÂNTICA DE ALGUMAS GRAVURAS DO T.A.T.

A hipótese de que as gravuras do T.A.T., enquanto constituídas por elementos heterogé-

neos mais ou menos estruturados, possuíam uma conotação semântica variável, que poderia induzir a conotação do discurso dos sujeitos, foi quanto a nós demonstrada por Reis, Trindade, Pimenta, Coelho e Gomes (1979). Neste trabalho usaram-se as seguintes gravuras: 1, 3 BM, 5, 6 BM, 7 BM, 10, 12 M, 13 MF, 14, 20. A amostra constituída por indivíduos do sexo masculino com habilitações literárias mínimas do 7.º ano dos liceus, e com idades compreendidas entre os 20 e os 40 anos.

Verificou-se então que algumas gravuras tinham conotações definidas relativamente a um espaço semântico referenciado pelo diferenciador de Osgood.

As gravuras significativamente conotadas foram as seguintes: 1, 3 BM, 6 BM, 10, 13 MF, 14 e 20. No quadro I descrevem-se os tipos de conotação por ordem decrescente do nível de significância, em letra maiúscula representam-se os «factores» conotativos significativamente discriminantes:

QUADRO I
CONOTAÇÕES SEMÂNTICAS

| 1 | 3 BM | 6 BM | 10 | 13 BM | 14 | 20 |
|------------|----------------|---------|--------------|----------------|-------------|----------------|
| positivo * | pessimista *** | VALOR * | positivo *** | pessimista *** | bom ** | passivo *** |
| quente * | pesado ** | | quente *** | mau ** | positivo ** | frio ** |
| | negativo * | | bom ** | pesado ** | leve ** | ACTIVIDADE *** |
| | VALOR *** | | optimista * | excitável * | optimista * | |
| | FORÇA *** | | leve * | VALOR ** | brando * | |
| | | | forte * | FORÇA ** | VALOR ** | |
| | | | VALOR *** | | FORÇA ** | |
| | | | ACTIVIDADE * | | | |

p < 0,5 *
p < 0,1 **
p < 0,01 ***

(Extraído do trabalho supracitado, 1979, «Contributos para a conotação semântica do T.A.T.»)

Reeves (1954), citado por Osgood (1957), no seu trabalho intitulado *An application of the semantic differential to Thematic Apperception Test material*, usando uma metodologia diferente da nossa, identificou como dimensão semântica as escalas «quente-frio», «jovem-velho». No nosso trabalho identificaram-se as dimensões «quente-frio», «positivo-negativo».

A indução da conotação semântica do discurso foi avaliada através do coeficiente de correlação linear entre os dois perfis semânticos:

o das gravuras (D.S.g.) e o das histórias (D.S.h.). Obtiveram-se os resultados expostos no quadro II.

A interpretação dos diferentes valores do coeficiente de correlação está estreitamente relacionada com a conotação das próprias gravuras. Assim, se compararmos os dois quadros, verificamos que as gravuras que induzem a conotação do discurso são aquelas que têm uma conotação determinada e mais ou menos significativa. Apesar disto não se pode dizer que o

QUADRO II
CORRELAÇÕES D.S.g-D.S.h.

| 1 | 3 BM | 5 | 6 BM | 7 BM | 10 | 12 M | 13 MF | 14 | 20 |
|-------|-------|-----|-------|------|-------|------|-------|-------|-------|
| .80 * | .88 * | .40 | .70 * | .00 | .84 * | .41 | .92 * | — .57 | .74 * |

p < .05 *

valor do coeficiente de correlação seja proporcional ou tenha alguma relação com o número de escalas semânticas do diferenciador. Também não nos parece relevante a correlação negativa obtida na gravura 14, uma vez que não é significativa.

Identificar algumas gravuras como mais projectivas que outras por terem um coeficiente de correlação mais baixo, também não nos parece correcto, caso das gravuras 5, 7 BM e 12 M.

De qualquer modo, a ideia de que o grau de estruturação das gravuras determina a estabilidade da sua conotação semântica e que esta por sua vez nos parece determinar a conotação

do discurso é uma premissa que temos como válida e que está de acordo com os resultados obtidos.

Acerca das implicações clínicas desta premissa nos referiremos mais adiante.

PARÂMETROS ESTRUTURAIS DO DISCURSO

Dos diversos parâmetros estudados («conotação semântica», das gravuras e das histórias, «coeficientes de correlação», «perfis semânticos», «títulos» e «ressonância afectiva» das histórias) consideramos como parâmetros estrutu-

QUADRO III TÍTULOS-TEMÁTICOS DAS GRAVURAS*

| | |
|--|--|
| 1 | 10 |
| — pensamento. | — ternura. |
| — reflexão, sonho, frustração. | — amor. |
| — meditação, dúvida. | — amizade, contacto, paixão. |
| — crescer, desencontro, infância, intelecto, melancolia, música, pensativo, solidão, tédio, tendência, veneração, violinista, violino. | — adeus, afeição, cinismo, companheiros, conciliação, dança, encontro, interiorização, plenitude, sensualidade, sexo. |
| 3 BM | 12 M |
| — cansaço, desespero. | — doença, hipnotismo. |
| — angústia, pensamento, solidão. | — magia, morte. |
| — abandono, abatimento, ausência, depressão, descanso, desgosto, desilusão, dor, frustração, recusa, saudade, sonho, sono, tristeza. | — acordar, adeus, admiração, assistência, carícia, depressão, descanso, doente, exorcismo, hipnose, hipnotizador, manhã, preocupação, repouso, roubo, sofrimento, tentativa, visita. |
| 5 | 13 MF |
| — curiosidade. | — angústia, remorso, tristeza, violência. |
| — espanto, familiar, procura, surpresa. | — abandono, cansaço, colapso, contrariedade, culpa, culpabilidade, depois, desespero, desvario, doença, dúvida, esforço, final, frustração, madrugada, morte, nada, paixão, renúncia, verão, vida, violação. |
| — visita, bisbilhotice, busca, chamada, chamamento, ciúme, desconfiança, expectativa, estranheza, flagrância, manhã, morbidez, opressão, quotidiano, satisfação, verificação, visão. | |
| 6 BM | 14 |
| — ansiedade. | — liberdade. |
| — angústia, apreensão, diálogo, discussão, novidade, preocupação, sentimentos. | — êxtase, janela, madrugada. |
| — adeus, arrependimento, casamento, conselhos, constrangimento, conversa, encontro, hábito, meditação, partida, pausa, pensativo, regresso. | — abstracção, admiração, amanhecer, contraste, despertar, espaço, esperança, evasão, exterior, firmamento, futuro, horizonte, indecisão, loucura, luar, salot, silêncio, solidão, tristeza, visão. |
| 7 BM | 20 |
| — amizade. | — solidão. |
| — conselho. | — noite. |
| — conversa, diálogo, morte. | — inverno, vigília. |
| — abstraído, amigos, aviso, carícia, comunicação, confiança, denúncia, fraternidade, gerações, incerteza, juntos, mafia, meditando, pensamento, reconciliação, recordações, reflexão, suborno. | — boémia, ciência, descanso, desespero, escuridão, espaço, miséria, nocturno, outono, remembering, silêncio, solilóquio, trabalhar. |

* Cada travessão corresponde a um nível de frequência, abrangendo todos os títulos que se lhe seguem.

rais qualitativos das histórias a «conotação semântica», os «títulos» ou adjectivos temáticos e a «ressonância afectiva».

Os «títulos-temáticos» são conceitos que exprimem a classificação temática das gravuras feita pelos sujeitos antes de narrarem as histórias. São assim um elemento da representação gestáltica das gravuras. A sua sistematização permite-nos elaborar o princípio de um «atlas semiológico» temático das gravuras, útil para identificar as histórias e tipificar os desvios. No quadro III encontram-se ordenados os «títulos-temáticos» obtidos, segundo a frequência e o alfabeto.

A diversidade dos títulos-temáticos não parece relacionada com o coeficiente de correlação D.S.g.-D.S.h., nem com o número de escalas conotativas das gravuras.

A temática relaciona-se sim com um outro parâmetro, a «ressonância-afectiva».

Entende-se por «ressonância-afectiva» o parâmetro projectivo que caracteriza a tonalidade emocional subjacente ao discurso. É uma determinante da sua sequência lógica. Relaciona-se simultaneamente com a conotação semântica e com o tipo de títulos semânticos. Assim uma ressonância positiva será aquela que estando de acordo com a conotação semântica da história, caracteriza afectivamente as relações dos seus personagens como algo de bom, aproximativo, cooperante, etc. Numa ressonância negativa acontecerá o inverso. Pode também acontecer existir ambiguidade entre as diversas partes da narrativa, relativamente à polarização num tipo ou noutro de ressonância.

Com estes três parâmetros parece-nos possível caracterizar estruturalmente o processo T.A.T., já que cada um deles corresponde a uma determinante do discurso: o tema, a gravura e a «empatia» afectiva.

APLICAÇÕES CLÍNICAS

Reis, Ramos e Varanda (1977) concluíram não haver diferenças significativas nas correlações entre as conotações semânticas das gravuras e das histórias numa amostra agrupada

segundo o diagnóstico psiquiátrico. Isto deixa supor que a conotação semântica, só por si como critério, é insuficiente para se estabelecer um diagnóstico diferencial. O que está de acordo também com a concepção de o T.A.T. não ser um teste de diagnóstico nosográfico, particularidade que do ponto de vista «eurístico» o distingue da «entrevista psiquiátrica». Trata-se antes de um instrumento de análise dos mecanismos e processos psicológicos empregues pelo sujeito nas suas relações adaptativas ou fantasmáticas com situações reais ou «para-reais», evocando desse modo as suas vivências, fantasias, conflitos e motivações, não existindo uma relação unívoca entre estes e a classificação psiquiátrica. O seu interesse, porém, radica no facto de através dele se obterem numa ou duas sessões uma quantidade de informações que só excepcionalmente se poderiam obter em igual número de entrevistas clínicas.

A aplicação clínica dos parâmetros agora estudados, títulos-temáticos, conotação semântica, ressonância afectiva e coeficientes de correlação, não nos possibilitando um diagnóstico só neles baseado, permite-nos melhor compreender as respostas dos sujeitos, uma vez que as grelhas de análise não levam em consideração as variáveis inerentes ao processo T.A.T., aspectos específicos da relação, material, sujeito e psicólogo. Ora os parâmetros qualitativos aqui propostos são um contributo para o seu melhor conhecimento, abrindo assim uma nova via de investigação com o teste de apercepção temática de Murray.

Apenas com a intenção de demonstrar como poderão ser aplicados estes parâmetros na análise clínica das histórias, vejamos os seguintes três exemplos:

Exemplo 1: Esta história foi narrada por um indivíduo do sexo masculino com trinta e cinco anos de idade, tendo como habilitações o 7.º ano do liceu, aquando da apercepção da gravura 3 BM:

«... Trata-se de uma mulher para aí na casa já dos cinquenta e muitos, e ela tem filhos, um

ou dois, mas que já casaram. Já têm a sua vida construída.

O que acontece é que ela se sente só e neste momento em particular, ela tem consciência dessa solidão. Da forma como está deprimida e está, digamos, «encolhida» não só fisicamente como do ponto de vista psicológico, encara a vida com muito pouco ânimo e com muito pouca coragem e pensa, neste momento, no que poderá fazer durante o resto dos dias da sua vida... Agora, pois, estes momentos acho que vão futuramente continuar a aparecer; simplesmente, à medida que a idade vai avançando, o grau de conformismo é cada vez maior e, portanto, estas crises, digamos, vão ser cada vez mais espaçadas...»

Para esta gravura o coeficiente de correlação gravura-história (.88) sugere forte indução do discurso pela gravura. Será pois de esperar que a história narrada tenha as características previstas. Assim na sua leitura verificamos enquadrar-se em temas como os de «solidão», «depressão», «abatimento» e «angústia», correspondentes à temática mais frequente da gravura.

A conotação semântica é do tipo «pessimista», «pesado» e «negativo».

A ressonância afectiva é também negativa.

Trata-se pois de um caso em que as características estruturais da história se encontram dentro dos parâmetros esperados para o seu grupo etário e sócio-cultural.

As duas histórias a seguir narradas correspondem a dois indivíduos do sexo masculino, internados numa instituição psiquiátrica com diagnóstico de psicose, aquando da apercepção da gravura 1.

Exemplo 2: «... Uma criança, aborrecida por a obrigarem a tocar violino, partirá o violino para não aprender. Deve ser um garoto puro, que pensa tocar uma música. Irá tocar com alegria, nostalgia, melancolia...»

Exemplo 3: «... Isto é um crime iminente na Alemanha, na loja. O miúdo está a olhar para o instrumento porque atraído por ele. Vai ser assassinado pelo homem que é sádico...»

O coeficiente gravura-história é elevado (.80), pelo que será de esperar temas relacionados com «pensamento», «reflexão», «meditação»... Uma conotação semântica do tipo «positivo», «quente» e uma ressonância afectiva positiva.

Da sua análise verifica-se que na primeira o tema se enquadra na listagem obtida, embora de forma atípica, «aprendizagem de violino». Na segunda história tal não se verifica. A conotação semântica é diferente da esperada, tanto num caso como no outro. A ressonância afectiva na primeira história é indefinida, na segunda é negativa.

Assim estas histórias apresentam características que não se enquadram nos parâmetros esperados, à excepção do tema da primeira.

DISCUSSÃO

1) O diferenciador semântico de Osgood e o T.A.T.

Uma das questões a considerar refere-se à validade de emprego do D.S. no estudo de imagens gráficas ou histórias escritas, em vez de conceitos verbais. É certo que na sua concepção inicial o diferenciador se aplicava somente no domínio psicolinguístico, mais precisamente no estudo de conceitos verbais. Contudo, posteriormente, diversos têm sido os trabalhos publicados em que outro uso se faz do D.S., nomeadamente no estudo de «imagens de marca» e de opinião (Goddin *et al.*, 1971; Vala, 1979).

No trabalho já referido, de onde colhemos os dados aqui expostos, embora se tivesse a preocupação metodológica de não desvirtuar as características de aplicação do diferenciador, só se conseguiu de facto esse objectivo na primeira fase, em que os sujeitos tinham de atribuir um «título-tema» às gravuras observadas. Com esse título, que traduz um conceito, preenchiam posteriormente o diferenciador. Tal não sucedeu na segunda fase, em que os sujeitos só preenchiam o diferenciador após a leitura das histórias. Claro que neste caso poder-se-á objectar dizendo que tal metodologia possibilita ao sujeito

preencher o D.S. em função de um ou outro conceito da história.

Diversas poderiam ser as formas metodológicas empregues para o estudo da semântica conotativa do teste. Entre estas podemos citar as associações livres, o completamento de frases, os questionários de atitudes, os auto-avaliadores ou a análise de conteúdo.

Escolhemos o D.S. por ser um instrumento de fácil aplicação, que permite «quantificar» conceitos, sendo sensível às variações de personalidade e também por se assemelhar, pelas suas características, ao método das associações livres e aos questionários de atitudes. Em suma, poderemos dizer que se trata de um «questionário» de auto-avaliação onde a forma como o sujeito responde, isto é, situa determinado conceito em relação a cada pólo das nove escalas bipolares, revela uma associação vivencial mediada desse conceito. Razão esta que levou Osgood a considerar o D.S. como um instrumento de avaliação mediada ou conotativa de conceitos. O seu uso pressupõe saber-se qual o conceito a analisar, a construção de um diferenciador adequado para o tipo de conceito: palavras, imagens, objectos ou relações.

As nove escalas bipolares estão agrupadas em três factores ortogonais, «avaliação», «intensidade» e «actividade», que permitem referenciar num espaço tridimensional o seu domínio semântico (Osgood *et al.*, 1957; Hormann, 1972).

Pelo que dissemos, um outro ponto se poderá pôr à discussão relativamente ao emprego de um diferenciador não adequado ao objecto em estudo, neste caso as gravuras do T.A.T. O diferenciador usado é o descrito por Fraisse (1968). O seu emprego enquadra-se mais numa perspectiva de estudo preliminar e experimental do que numa visão definitiva do trabalho. Acrescente-se também que nem todas as gravuras foram estudadas, assim como a amostra da população se restringiu a um grupo etário limitado ao sexo masculino e ao grupo de idades compreendido entre os vinte e os quarenta anos.

Apesar deste relativismo experimental as hipóteses por nós postas parecem confirmar-se e abrem uma nova via para o conhecimento do T.A.T. com implicações clínicas.

2) Os resultados obtidos

Os resultados estudados referem-se apenas às gravuras 1, 3 BM, 5, 6 BM, 7 BM, 10, 12 M, 13 MF, 14, 20. Em algumas delas obtiveram-se coeficientes de correlação D.S.g.-D.S.h. fracos, nulos ou até negativos. Noutras os valores foram elevados ($\geq .70$) e significativos ($p < .05$). Assim poderemos admitir existirem gravuras conotadas e gravuras não conotadas ou «projectivas» propriamente ditas.

É certo que a projecção é um fenómeno complexo e não se reduz unicamente à dimensão semântica, mas também é certo que aquelas gravuras (5, 7 BM, 12 M, 14) se distinguem das outras quanto à sua conotação. Tal facto não tira valor a umas ou a outras das gravuras do teste ou a este na sua globalidade, pelo contrário pensamos traduzirem um melhor conhecimento do mesmo quanto às suas características e assim uma melhor compreensão das respostas dos sujeitos. Desvios ou conformidade com os parâmetros estudados nas respostas às gravuras 1, 3 BM, 6 BM, 10, 13 MF e 20, são informações complementares importantes para uma análise clínica de cada caso.

Tentamos explicar porque se diferenciam as gravuras quanto à sua conotação semântica é tarefa complexa para a qual não temos resposta imediata. Contudo parece-nos radicar mais no tipo de elementos (personagens e contexto), suas posturas e relações que propriamente no número de personagens, planos focados, sua diferenciação sexual ou etária.

Numa das gravuras (14) o coeficiente de correlação obtido foi negativo ($-.57$). Por não ser significativo parece-nos difícil poder explicar este valor, que a ser o resultado de um «demónio» de Maxwell, apenas se poderá inferir através de um desenho experimental em que haja replicação cruzada.

3) *O diagnóstico projectivo e a análise integrada das respostas*

É do conhecimento geral em psicologia que um diagnóstico resulta da convergência de informações obtidas através de meios diferentes e complementares. Por esta razão, não pensamos poder fazer um diagnóstico apenas através dos parâmetros agora estudados, isto por vários motivos. Por um lado por o diagnóstico psicológico com o T.A.T. ser o resultado da análise seriada de um conjunto de histórias, geralmente dez, obtidas com diferentes gravuras, por outro a necessidade de se ter uma anamnese do sujeito, assim como uma grelha de análise de conteúdo das histórias e do seu comportamento durante a passagem do teste.

Refira-se como exemplo a grelha de análise de V. Shentoub e R. C. Debray (1969), que se baseia numa taxonomia das histórias narradas através das seguintes categorias: 1) características manifestas da produção, 2) processos utilizados na produção, divididos em dois grupos consoante os factores predominantes, rigidez e liabilidade, 3) factores resultantes, relacionados e de certo modo dependentes dos anteriores; factores de desimpedimento e de fracasso.

Em suma, a complementaridade das variáveis por nós estudadas enquadra-se numa perspectiva do conhecimento global do teste, isto é, estrutural-funcionalista.

RESUMO

Baseando-se nos dados de um trabalho experimental sobre a conotação semântica do T.A.T., apresentado no 1.º Congresso de Psicologia (1979) em Lisboa, o autor faz agora uma análise da sua aplicabilidade clínica.

Nesse trabalho foi usado um desenho experimental de dois grupos emparelhados que preenchem um diferenciador semântico (D.S.) de Osgood, quer para as gravuras do T.A.T. quer para as histórias através delas narradas.

Identificaram-se três parâmetros estruturais do «processus T.A.T.»: a conotação semântica, a ressonância afectiva e os títulos-temáticos.

Os coeficientes de correlação entre os D.S. das gravuras e os D.S. das histórias, dão-nos uma informação acerca do grau de indução da

conotação semântica do discurso pela conotação das gravuras.

São as seguintes as gravuras cujos coeficientes foram superiores a .70: 1, 3 BM, 6 BM, 10, 13 MF e 20.

Como se tratava de dois grupos de 30 indivíduos do sexo masculino com idades compreendidas entre 20 e 40 anos, foram usadas as seguintes dez gravuras: 1, 3 BM, 5, 6 BM, 7 BM, 10, 12 M, 13 MF, 14 e 20.

As gravuras cujas conotações semânticas se revelaram significativas ($p < .05$) foram: 1, 3 BM, 6 BM, 10, 13 BM, 14 e 20.

Os títulos-temáticos permitiram sistematizar-se um atlas-semiológico das gravuras. A ressonância afectiva, sendo um parâmetro mais subjectivo, refere-se à tonalidade emocional das histórias.

O emprego clínico dos três parâmetros como complemento de outras grelhas de análise permite-nos, por corresponder a um mais profundo conhecimento do material que compõe o teste, melhor fundamentar o diagnóstico.

RÉSUMÉ

En se basant sur les données d'une recherche expérimentale à propos de la connotation sémantique du T.A.T., présentée au I Congrès de Psychologie - 1979, à Lisbonne, l'auteur fait une analyse de l'application clinique des résultats qui ont été trouvés.

Dans ce travail on a utilisé le plan d'expérience suivant: deux groupes appareillés de sujets doivent répondre à un différenciateur sémantique (D.S.), en fonction de chacune des gravures et des histoires racontées.

On a identifié trois paramètres structuraux du «processus T.A.T.»: la connotation sémantique, la résonance affective et les titres thématiques. Les coefficients de corrélation entre les D.S. des gravures et les D.S. des histoires, nous donnent une information qui concerne l'induction de la connotation sémantique du discours, par la connotation des gravures.

Les gravures dont les coefficients ont été supérieurs à .70 sont les suivantes: 1, 3 BM, 6 BM, 10, 13 MF et 20.

Du fait que les 30 sujets qui intègrent les deux groupes sont tous du sex masculin et âgés de 20 à 40 ans, on a utilisées les dix gravures suivantes: 1, 3 BM, 5, 6 BM, 7 BM, 10, 12 M, 13 MF, 14 et 20.

Les gravures dont les connotations sémantiques se sont révélées significatives ($p < .05$) ont été: 1, 3 BM, 6 BM, 10, 13 BM, 14 et 20.

Les titres thématiques nous ont permis de faire un atlas sémiologique des gravures.

Étant donné que la résonance affective est un paramètre plus subjectif, il se rapporte à la tonalité émotionnelle des histoires.

L'emploi clinique de ces paramètres en tant que complément des autres grilles d'analyse nous permet d'accéder plus profondément à la connaissance du matériel que compose le test et de ce fait de mieux fonder le diagnostic.

REFERÊNCIAS

- FRAISSE, P. (1968) — «Le différenciateur sémantique», in *Manuel Pratique de Psychologie Expérimentale*, P.U.F., Paris.
- GODDIN, M.; HEYCHÉ, B. e MERTENS, C. (1971) — «Comparaison de trois méthodes d'étude de l'image de marque», *Le Travail Humain*, tome 34, n.º 2.
- HORMANN, H. (1972) — *Introduction à la Psycholinguistique*, Larousse, Paris.
- LEWIN, K. (1935) — *A dynamic theory of personality*, New York.
- MURRAY, H. A. (1943) — *Manuel du Thematique Apperception Test*, Centre de Psychologie Appliquée, Paris.

- OSGOOD, C. E.; SUCI, I. e TAUNENBAUN, H. (1957) — *The Measurement of Meaning*, University of Illinois Press, Urbana, U.S.A.
- REIS, F.; RAMOS, M. e VARANDAS, M. Z. (1977) — «Conotação Semântica do T.A.T.: Estudo preliminar», *Análise Psicológica*, vol. I, n.º 1, Lisboa.
- REIS, F.; PINTO COELHO, C. e GOMES, M. J. (1979) — «Contributos para o estudo da conotação semântica do T.A.T.», *Comunicação apresentada no 1.º Congresso de Psicologia* (não publicada).
- SHENTOUB, V. e SHENTOUB, S. A. (1958) — «Contribution à la Recherche de la Validation du T.A.T. Feuille de Depouillement», *Rev. de Psychologie Appliquée*, 8(4), Paris.
- SHENTOUB, V. e DEBRAY, R. C. (1969) — «Contribution du T.A.T. au Diagnostic Différentiel entre le Normal et le Pathologique chez l'Enfant», *Psychiatrie de l'enfant*, XII, Paris.
- SHENTOUB, V. e DEBRAY, R. C. (1970) — «Fondements Théoriques du Processus T.A.T.», *Bulletin de Psychologie*, XXIV, 292:12-15.
- SILVA, D. (1971) — *A Perspectiva Psicanalítica de Interpretação do T.A.T.*, Monografia n.º 1, ed. da Fac. de Letras da Univ. de Lisboa, Laboratório de Psicologia.
- VALA, J. (1979) — «Organizações de Comunicação de Massa e Representações Sociais: ensaio de metodologia», *Análise Psicológica*, vol. II, n.º 3, Lisboa.

**ADQUIRA
ASSINE
DIVULGUE**

DISTRIBUIÇÃO DA 

PSICOLOGIA

ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE PSICOLOGIA

A VENDA NA LIVRARIA CASTIL - ALVALADE

CENTRO COMERCIAL DE ALVALADE

Praça de Alvalade - Lisboa